

(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O *ENTRE-LUGAR* EM
GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

Josiane Lopes da Silva Ferreira (UNEMAT)¹

Resumo: Através deste trabalho pretende-se realizar uma comparação entre o conto *A terceira margem do rio*, do escritor brasileiro João Guimarães Rosa e *Nas águas do Tempo* do escritor moçambicano Mia Couto, com o intuito de analisar como as *zonas fronteiriças* resultam em *entre-lugar* e como o conceito de entre lugar modifica e transforma o indivíduo e sua cultura. Para realizar essa análise utilizaremos esse conceito proposto pelo escritor indiano-britânico Hommi K. Bhabha em seu livro *O Local da Cultura*, 1998.

Palavras-chave: literatura comparada; narrativa; zonas fronteiriças; entre-lugar.

De acordo com o dicionário Michaelis o verbete fronteira significa:

Substantivo feminino (fron+teira) 1 zona de um país que confina com outra do país vizinho. 2 limite ou linha divisória entre dois países, dois estados etc. 3 raia; linde. 4 marco, baliza. 5 confins extremos... (MICHAELIS, 1998, p.994)

Analisando o conceito de fronteira etimologicamente percebe-se que se trata de uma divisão geográfica entre territórios, linha imaginária que divide ou delimita países, mas e quando tratamos de cultura essa fronteira se torna imperceptível. É com o intuito de realizar um passeio entre culturas, entre as zonas fronteiriças que pretendemos transitar e responder a interrogação de como elas resultam em *entre-lugar* e como esse conceito de contribui com a mudança e transformação do indivíduo e sua cultura. Esta análise ocorrerá na comparação entre os contos *A Terceira Margem do Rio* presente no livro de contos *Primeiras estórias* de João Guimarães Rosa, publicado no ano 2008, pela editora Nova Fronteira e *Nas Águas do Tempo*, presente em *Estórias Abensonhadas* do autor moçambicano Mia Couto, publicado pela Companhia das Letras em 2012.

Desde o início da humanidade, povos transitam de um lado para outro à procura de melhores condições de vida numa constante inquietação. A primeira *diáspora* (HALL, 2008) que temos nítida em nossa memória encontra-se escrita no livro do Êxodo, segundo livro da Bíblia Sagrada, no qual relata a saída do povo hebreu do Egito em busca da *Terra Prometida*.

¹ ¹ Graduada em Letras (UNEMAT), mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (UNEMAT) Tangará da Serra. Contato: j.lopesdasilva@hotmail.com.



Muitos séculos se passaram e eis que surge o período das grandes navegações, esse por vontade própria, povos europeus partem para conquistar *o novo mundo* e levar sua cultura aos povos primitivos no intuito de salvá-los de sua ignorância.

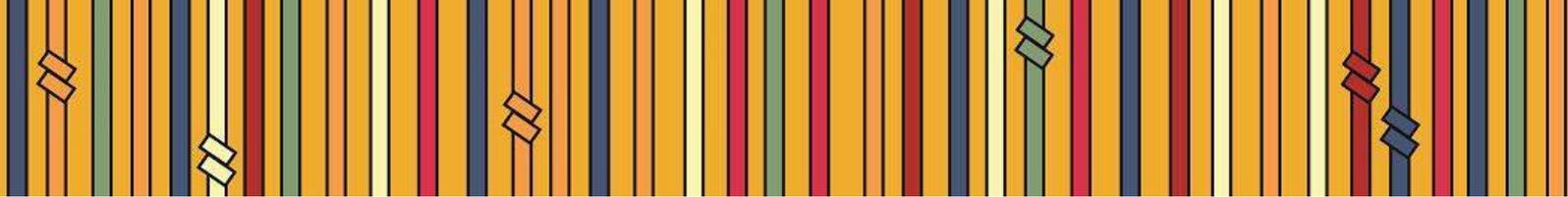
Seja na antiguidade quanto na atualidade, os povos em seu êxodo pessoal não se dão conta de estarem transpondo barreiras geográficas, contudo se deparam com outro tipo de barreira, o da *hegemonia cultural* (BHABHA, 1998), onde o mais forte devora o mais fraco como acontece na cadeia alimentar.

Essa procura por melhores condições de vida, seja por razões impostas, ou não, indivíduos partem para várias partes do mundo em busca da *Terra Prometida* e essa migração traz uma inquietação, pois os costumes e tradições que faziam parte de seu mundo já não os pertencem mais e têm de se viver em um *entre-lugar* (BHABHA, 1998), local onde a cultura do outro é absorvida se funde com lembranças dos antepassados e no final o que era puro se mistura e desse *hibridismo* eis que surge uma nova forma de perceber o mundo.

O conceito de entre-lugar foi abordado primeiramente pelo autor palestino Edward W. Said (1935-2003) em seu livro *Fora do Lugar* (2002), no qual apresenta de forma elucidada como os indivíduos se tornam conflitantes, pois não se sentem pertencentes a lugar algum, seja por questões geográficas ou simplesmente por crise existencial. Na introdução de seu livro *Cultura e Imperialismo*, Said (2011), traz indícios desse conceito. O autor afirma “Desde minhas mais remotas lembranças, sentia que pertencia aos dois mundos, sem ser totalmente de um ou de outro.” (SAID, 2011, p. 29). Ele deixa explícita sua inquietação de não pertencer a nenhum dos mundos e esse sentimento o segue no decorrer da vida.

Esse questionamento também é feito pelo autor indiano-britânico Hommi K. Bhabha (1949-) em *O Local da Cultura* (1998), na qual o autor questiona e esclarece como se formam as zonas fronteiriças, o entre-lugar e o hibridismo. O autor recebe forte influência de importantes autores como Edward W. Said, Michel Foucault, Jacques Derrida, Frantz Fanon, Walter Benjamin, Stuart Hall, dentre outros que escreveram sobre várias áreas do conhecimento. Em seu livro *O Local da Cultura* (1998), o autor traz a reflexão de como esse conflito transforma o indivíduo quando invadido por outra cultura e afirma:

O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras



temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição ‘recebida’. Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1998, p.21)

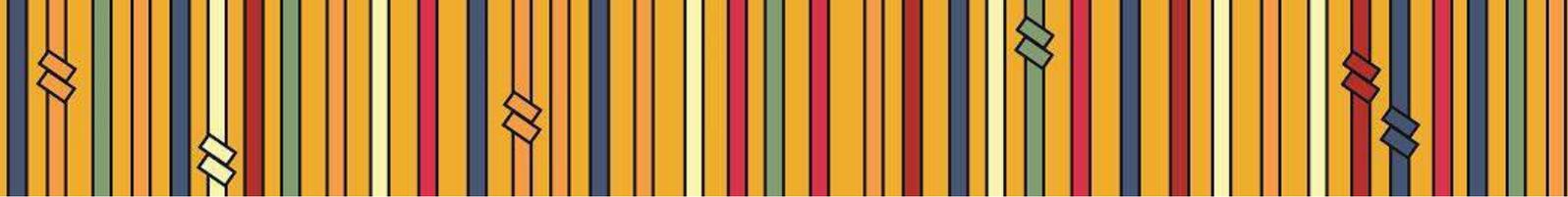
Neste sentido, o autor explicita que a tradição é uma forma de identificação e uma vez que acontece a hibridização cultural o indivíduo se vê nesta fronteira do não pertencimento que o torna conflituoso, pois os hábitos e a cultura são modificados e, de certa forma, a tragicidade aí se instala.

Analisaremos a partir dos contos escolhidos como o conceito de entre-lugar é formado a partir da instabilidade gerada pelo sentimento de não pertencimento, para isso nos basearemos nas teorias de Bhabha (1998). O autor salienta que:

Esses *entre-lugares* fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p. 20)

Para Bhabha (1998), o indivíduo nos entre-lugares buscará, a partir da subjetivação, construir estratégias que resultarão na construção de novos signos que contribuirão como forma de uma nova identificação de um determinado grupo social.

Faremos um breve resumo das obras apenas a título situacional. No conto *Terceira margem do rio*, (2008) o narrador apresenta a estória de seu pai que manda construir uma canoa sem que se saiba sua serventia. Assim que ela fica pronta, o pai decide embarcar levando poucos pertences e mantimentos, se despede para não mais voltar. Ninguém consegue compreender o porquê daquela atitude de abandonar a família e ir morar no leito do rio. Após anos de espera, o filho tenta se comunicar e propor ao pai que troquem de lugar. O pai esboça um gesto de que concorda com a troca. Um pavor toma conta do filho, que arrependido de tal proposta resolve fugir. Passado algum tempo, o remorso toma conta de seu coração e em seu devaneio termina seus dias atormentado e pedindo que quando morresse fosse também colocado em uma canoa e lançado na correnteza do rio para não mais voltar.

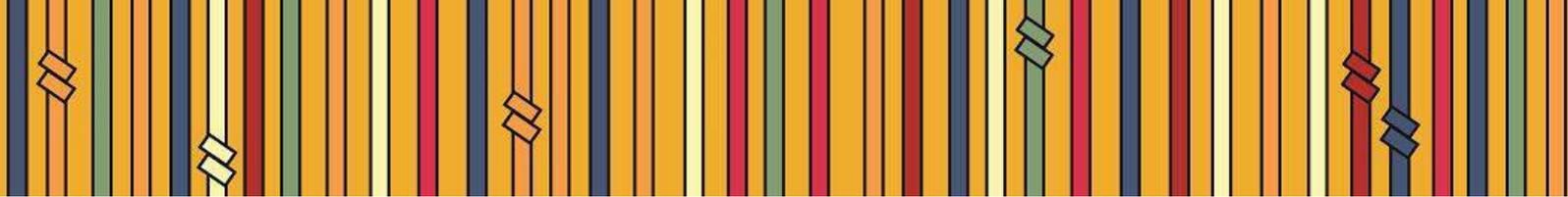


Estória semelhante acontece em *Nas águas do tempo* (2012), o narrador conta a estória de seu avô, que o leva para passear de canoa em um rio à procura dos seres dos lenços brancos. Antes de entrarem no rio, o avô sempre diz que remem a favor da água, do contrário os espíritos ficam contrariados e isso pode atrair desgraça. O garoto ao entrar no leito do rio, sente como se perdesse a fronteira entre a água e a terra. O velho tenta a todo custo que o neto veja os lenços e aponta na direção da margem. O menino, a princípio, não enxerga e assim que a miragem desaparece, eles retornam para casa para voltarem no dia seguinte. Em uma de muitas idas ao lago, o garoto intenciona descer em terra firme se desequilibra e quase, avô e neto, sofrem um acidente fatal. Eles lutam desesperadamente para sobreviver e num gesto aflito o avô pega seu pano vermelho acena para os lenços que estão na margem e subitamente as águas se acalmam e o remoinho se desfaz. O avô decide contar ao neto suas razões de ir até o lago e o garoto o ouve atentamente. Retornam ao mesmo lugar, o avô pede ao neto que não o siga e se lança para a margem onde reaparece após longos minutos através de um nevoeiro do outro lado da margem e o lenço vermelho lentamente se torna branco como os demais lenços. Pela primeira vez o garoto consegue compreender o que o avô lhe explicava. E foi a última vez que avô e neto estariam juntos para verem os panos.

João Guimarães Rosa (1908- 1967), brasileiro, nasceu em Cordisburgo, pequena cidade no interior de Minas Gerais, cidade esta que se tornou pequena demais para um cidadão do mundo. Sempre precoce iniciou a faculdade de Medicina com 16 anos, contudo sua carreira profissional como médico não durou mais que dois anos, por se achar sem dom decidiu abandonar a profissão. Foi durante o período que esteve em contato com a população carente e marginalizada do interior que lhe rendeu inspiração e contribui para compor suas belas estórias sobre o interior do Brasil.

A produção literária de João Guimarães Rosa aflora com maior intensidade quando o autor parte para morar na Europa, por motivo de seu trabalho como diplomata. De certa forma, este distanciamento da pátria suscita um sentimento de não pertencimento, por se encontrar numa terra estranha onde, o idioma, os costumes e a cultura são outros.

Seus textos trazem as lembranças da cultura e dos costumes do povo brasileiro e o autor as traduz em suas obras com suas palavras que conotam o cheiro da terra, a cor da paisagem, o som do vento e tudo que vivenciou durante suas andanças como médico



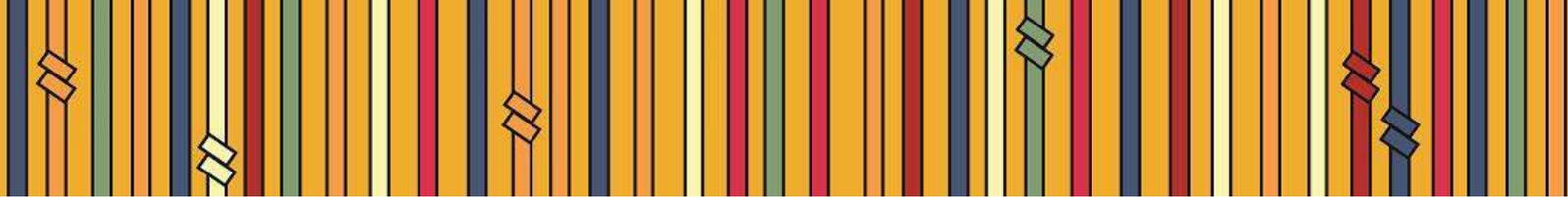
pelo sertão brasileiro. É através de sua “diáspora” pessoal que nasce a vontade de contar ao mundo tudo o que viu, ouviu e viveu e de como essas lembranças suscitaram o entre-lugar em suas estórias.

Antônio Emílio Leite Couto (1955) apelido de Mia Couto, nasceu em Beira, Moçambique. Assim como Guimarães Rosa também estudou medicina, mas não concluiu o curso. É biólogo, jornalista, professor e autor de mais de trinta livros, entre poesia e prosa. Recebeu uma série de prêmios literários e também é membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Mia Couto escreve numa estreita relação com Guimarães Rosa. É notória a semelhança entre os contos *A terceira margem do rio* e *Nas águas do tempo*. Neles observa-se um diálogo entre ideias, personagens e até entre o local onde as estórias acontecem, no rio. Apesar de terem sido escritos em épocas e *locus* (ABDALA, 2012) diferentes os autores fazem ressurgir as lembranças do meio em que viveram e a influência da cultura de seu povo transmitida por gerações. Mia Couto descreve lendas da cultura popular: “O namwetxo era o fantasma que surgia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço.” (COUTO, 2003, p. 11). Guimarães Rosa também o faz: “Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pelos, com o aspecto de bicho...” (ROSA, 2008, p.83), fazendo uma alusão às lendas do folclore brasileiro.

As narrativas dos dois contos são repletas de lembranças “Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros...” (ROSA, 2008 p. 79). “Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu avô...” (COUTO, 2003 p. 14), e comprova que os costumes devem ser preservados para não caírem no esquecimento. No transcorrer dos dois contos, nota-se a presença de um rio, margens, cultura e tradição, “o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira.” (ROSA, 2008 p.80), “Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo...” (COUTO, 2003 p. 9), duas margens de terra simbolizando o indivíduo vivendo sua plena condição, dentro de sua cultura e pertencimento.

A terceira margem simboliza o indivíduo que, sem se dar conta, transpõe barreiras geográficas e invisíveis fronteiras culturais. Essa transposição gera o não pertencimento, e por não se sentir parte desse novo mundo, eis que resulta o entre-lugar.



O indivíduo, ao transpor essa barreira leva consigo a sua cultura que se mistura com a cultura do outro, e na junção dessas, como na confluência de rios, resulta em culturas híbridas. O que aconteceu no período da colonização no qual o colonizador impôs sua cultura sem considerar a cultura do colonizado, porém o colonizador também se impregnou da cultura do colonizado e a hibridação de culturas aconteceu.

Segundo Bhabha (1998), o não pertencimento suscita dessa hibridação, da cultura do colonizador, como cultura hegemônica sobre o colonizado e está na temática presente nos contos de Rosa e Couto esse sentimento de sujeitos culturais híbridos e do entre-lugar. "Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais". (ROSA, 2008, p. 80)

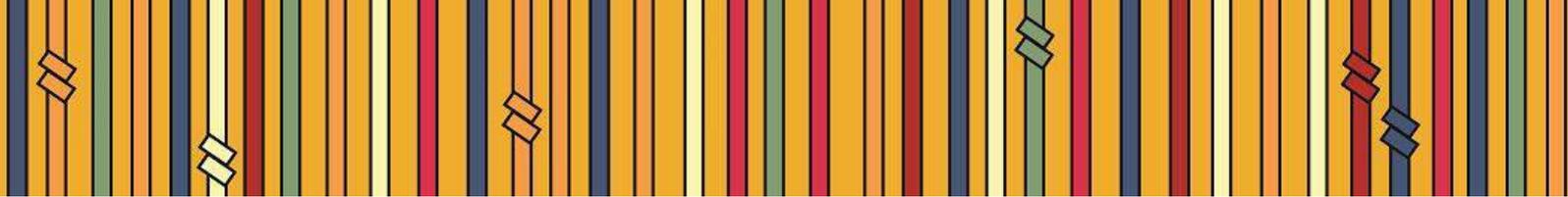
A marginalização do indivíduo e conseqüentemente seu não pertencimento é suscitado pelo poder imposto pela cultura hegemônica.

Couto, por outro lado, cita "Tudo o que ali se exibia, se afinal, se inventava de existir. Pois naquele lugar se perdia a fronteira entre a terra e a água." (Couto, p. 10). Os espaços e a fronteira, palavras empregadas pelos autores deixam claro esse não pertencimento e marginalização.

Nos contos, a água do rio que corre em direção ao mar simboliza o tempo que passa e não temos o controle, passa por entre os dedos sem poder segurá-lo. O barco sugere a história que segue cursos indefinidos sem saber onde vai dar. A correnteza são os intempéries os sobressaltos que arrebatam o indivíduo e, muitas vezes sente vontade de desistir. A família traz a simbologia da tradição e costumes que não se deixam apagar e resistem para que não aconteça a *aculturação* (ABDALA, 2002) imposta pela cultura hegemônica e, dessa forma, se perpetua a cultura e os costumes.

Percebe-se *Nas Águas do tempo*, um narrador que anseia em continuar transmitindo às futuras gerações os costumes e tradições de seu povo, para que não se alienem e não os percam com o passar do tempo. "E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os panos brancos da outra margem". (COUTO, 2012, p.14)

Descreve sua relação com a sua cultura, a importância do engajamento para se transpor as correntes impostas pelo colonizador. Somente com a valorização e o respeito das culturas é que se perpetua a cultura de um povo. Neste sentido, Couto salienta "Meu



avô nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno cocho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. “(COUTO, 2012, p.09).

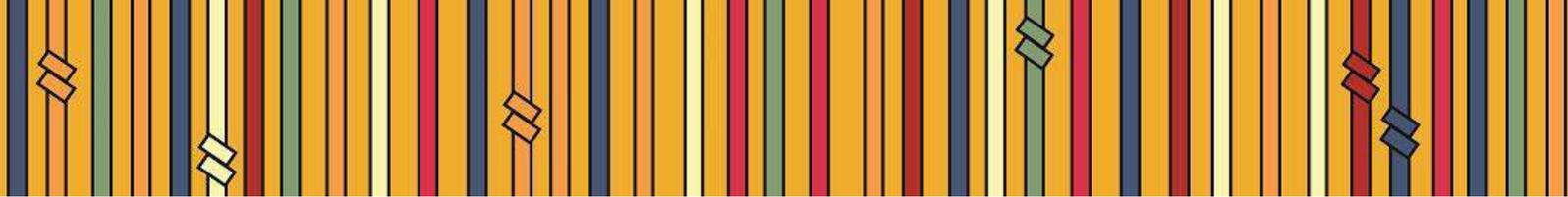
A figura da mãe aparece sempre aflita nas duas estórias, sempre questionando onde vão. “Mas, vocês vão aonde?” (COUTO, 2012, p. 09), "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" (ROSA, 2008, p.80), mas sem saber onde a aventura vai dar. Essas mães simbolizam a pátria que perde seus filhos, seja por se posicionarem contra um regime político ditatorial, como acontece nos países africanos, seja por aqueles que saem à procura de melhores condições de vida, sem saber se terão êxito, se conseguirão encontrar o que procuram.

Os contos são narrados em primeira pessoa, o enredo que se desenvolve em um rio e a terceira margem nos sugere várias interpretações. Simboliza a vida que passa, as margens são os caminhos delimitados pela cultura eurocêntrica que preza seus valores e costumes e muitas vezes o impõe não respeitando a cultura do outro. A terceira margem representada pelo leito é o elo que liga uma margem à outra e tem importância fundamental, pois é através dessa terceira margem que as culturas se misturam e dessa junção surgem outras, criando novos conceitos como o *criolismo a mestiçagem e a hibridação*, conforme nos apresenta ABDALA, (1989).

Os dois contos trazem estórias impregnada pelo misticismo, fruto da imaginação do narrador. O místico se faz presente no imaginário de todos os povos, e quando os anos passam e tanto o pai, no conto rosiano, quanto o avô no conto de Couto parecem se comunicar com seres de outro mundo ou de outro plano espiritual. "A quem acenava ele? Talvez era a ninguém. Nunca, nem por um instante, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo. Mas o avô acenava seu pano". (COUTO, 2012, p. 10.)

Em *A terceira margem do rio*, o tempo passa e o filho permanece à margem esperando uma solução para seu problema sem saber o que levou o pai a abandonar a família e ir viver dentro de um barco, mas ele não desiste e persiste "Eu fiquei aqui, de resto" (ROSA, 2008, p. 83).

A partida do pai caracteriza o êxodo, saída da terra natal para se viver em um lugar desconhecido onde a cultura e costumes são outros, e os que ficam têm a responsabilidade de continuar e perpetuar a sua cultura "Nosso pai carecia de mim, eu sei..." (Rosa, 2008, p. 84).



Em *Nas águas do tempo*, o avô ao levar continuamente o neto para dentro do rio em direção à lagoa supostamente encantada intenciona que o neto visualize os seres encantados que habitam o outro lado " _ Você não vê lá, na margem? Por trás do cacimbo?". O avô, em sua simplicidade, pretende perpetuar a memória de seu povo para que este não se perca com o passar tempo. Como sabemos os povos ágrafos tinham na oralidade a forma de transmitir sua heranças culturais aos mais jovens na tentativa de que fossem difundidas de geração a geração.

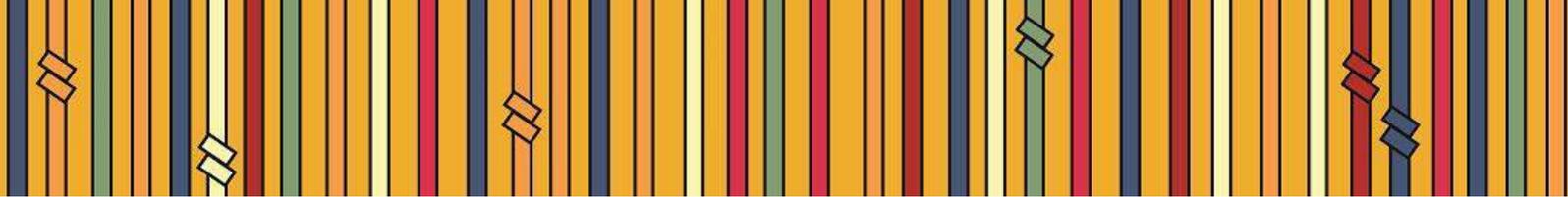
Após longos anos da ausência do pai, numa atitude de desespero, o filho propõe tomar o seu lugar dentro do barco " O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo seu lugar, do senhor, na canoa!" (ROSA, 2008, p. 85), e prontamente o pai aceita. "Ele me escutou. Ficou de pé. Manejou o remo n'água, proava para cá, concordando." (ROSA, 2008, p. 85), o filho se torna conflitante e recua, pois não se sente capaz de levar esse legado e desiste da ideia e foge de seu destino "Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado" (ROSA, 2008, p. 85). Ao contrário, *Nas águas do tempo*, o neto aceita prontamente e decide tomar o lugar do avô após sua passagem para a outra margem. "E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer" (COUTO, 2012, p. 14). Na luta pela perpetuação dessa cultura, pai e avô, sugerem que seus descendentes entrem nesse barco e não deixem que o tempo e a interferência destrua o que foi passado de geração a geração.

Quanto a intertextualidade presente nos contos Abdala (1989) afirma que:

Ninguém cria do nada. Há a matéria da tradição literária que o escritor absorve e metamorfoseia nos processos endoculturativos, desde a apreensão "mais espontânea" dos pequenos "causos", populares, ditos populares, canções etc.,... (ABDALA, 1989, p. 23)

O autor lembra que nada surge do acaso, as ideias surgem da interação entre as pessoas que, através desse contato, absorvem essas ideias e criam outras sem se dar conta da "sua situação de ser social e de porta-voz de um patrimônio cultural coletivo" (ABDALA, 1989, p. 23)

Guimarães foi e continuará a ser o perpetuador da cultura brasileira, transpondo barreiras geográficas levando para o mundo tudo o que aprendeu com seu povo, pois sem contar às futuras gerações o que se viveu não é possível se perpetuar a cultura de um povo.

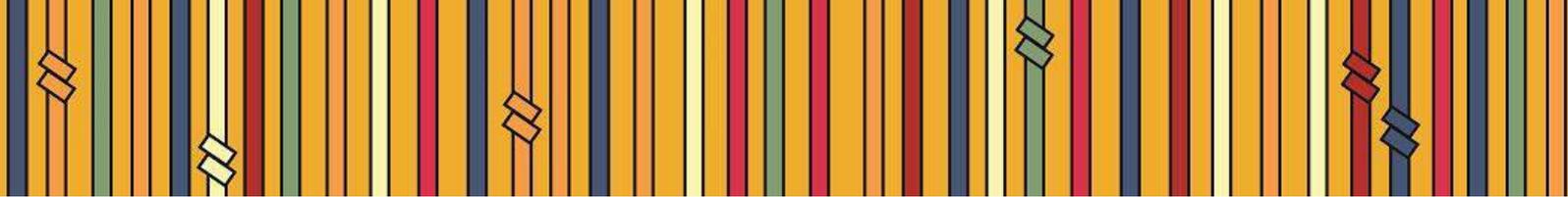


Através da análise do conceito do entre-lugar, proposto por Hommi Bhabha (1998) percebemos como as fronteiras tornam os indivíduos mais conflitantes e na angústia, por não se sentirem pertencentes a nenhum dos lugares por onde transitam, acabam sucumbindo e assimilando a cultura do outro e formando as fronteiras híbridas (BHABHA, 1998).

A comparação dos contos de Guimarães Rosa e Mia Couto nos leva a viajar neste imaginário de fronteiras entre água e terra e perceber a formação de margens. O indivíduo se apresenta no leito do rio que é o elo entre passado e presente configurado no "entre-lugar, contingente que inova e interrompe a atuação do presente. O passado-presente tornam-se parte da necessidade de viver, e não da nostalgia." (BHABHA, 1998, p. 27). Dessa forma, o indivíduo ressignifica passado e presente no desejo utópico de perpetuar sua cultura e lembranças e dessa forma eis que surge a esperança por dias melhores.

Referências

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- _____. *Literatura História e Política: Literatura de Língua Portuguesa no século XX*. São Paulo: Ática, 1989.
- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*./ Mia Couto. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. *Memórias inventadas: estudo comparado entre Relato de certo oriente, de Milton Hatoum e Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto*. 2007. 330 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa/ São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.



ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 15ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo* / Edward W. Said ; tradução Denise Bottmann. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.